

A NEOLOGIA DE EMPRÉSTIMOS NO LDP UMA ABORDAGEM A PARTIR DOS ATOS DISCURSIVOS

Elza CONTIERO
Aderlande Pereira FERRAZ

Introdução

Instrumento de ação do homem, a linguagem tem um caráter transformador à medida que possibilita ao homem modificar a sua existência e conferir-lhe sentido, graças à capacidade que tem de refletir sobre o seu próprio modo de agir nas interações em que se envolve. Essas interações com o mundo biossocial que o acolhe se dá, sobretudo, pela realização dos discursos, orais e escritos, os quais se materializam por meio das palavras que surgem, que desaparecem, que se constroem, que ressignificam. Por isso, levar em conta a realização dos discursos é, primordialmente, levar em conta o léxico de uma língua, visto que visões de mundo, construções de ideologias e todos os nomes dados ao universo dos seres, das coisas, das modalidades do pensamento conhecidos numa determinada comunidade linguística se consubstanciam pelo léxico. De modo geral, por léxico compreende-se todos os itens lexicais, com suas regras lexicais, que constituem a língua de uma comunidade linguística, mas que não se confunde com o vocabulário, que são duas concepções complementares. Vilela (1995) afirma que:

(...) léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo (...). tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística; o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório. (VILELA, 1995, p.13)

É certo que o léxico de uma língua nos diz muito a respeito da cultura de um povo, trazendo à tona suas formas de se organizar em sociedade, suas visões políticas, suas bandeiras ideológicas e maneiras específicas de interagir em contextos específicos. É por meio do léxico também que podemos avaliar o que os nossos antepassados vivenciaram e as mudanças ocorridas no tempo atual de nossa sociedade. A própria evolução de uma sociedade, “bem

como as transformações culturais (tradição, costume, moda, crença) propiciam mudanças no léxico, de vez que este está diretamente associado ao universo de pessoas e coisas”. (FERRAZ, 2008, p.146)

A expansão do léxico de uma língua se dá pela incorporação de novas unidades que surgem nos atos de fala, por meio de variados processos de formação de palavras novas, os neologismos lexicais, que tanto podem ser uma unidade de formação recente, uma acepção nova de uma forma lexical já existente ou ainda um empréstimo lexical do sistema linguístico de outra língua natural. Essa renovação no código de comunicação de uma determinada comunidade linguística está alicerçada no pressuposto de que as línguas se renovam permanentemente, se inovando com a inclusão de novas palavras que surgem na língua em virtude de uma necessidade específica de nomeação, ou ainda, introduzindo uma nova maneira mais expressiva de exprimir uma ideia já existente, certa visão de mundo diante da obsolescência de outras palavras que caem em desuso, quando a realidade que nomeavam foi alterada, substituída ou talvez já não exista mais.

Nosso objetivo, com este trabalho, é colocar em questão o que tem sido tratado no âmbito dos estudos lexicológicos por estrangeirismos, ou seja, o uso de formações vocabulares estrangeiras no léxico do português brasileiro. A exploração dos estrangeirismos lexicais nas aulas de língua portuguesa pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da competência lexical do aluno. Como salienta Ferraz, “Por competência lexical podemos considerar a capacidade de compreender as palavras, na sua estrutura morfossintática e nas suas relações de sentido com outros itens lexicais constituintes da língua”. (FERRAZ, 2008, p. 146). Em nossa experiência docente, constatamos a pouca importância reservada às questões lexicais no ensino de língua portuguesa e isso se revela de maneira acentuada no tratamento dado aos neologismos, especialmente os estrangeirismos e empréstimos linguísticos. Estes são ainda assuntos polêmicos em sala de aula, lugar em que muitas vezes se sustentam vozes dissonantes e não convergentes. Para a realização deste trabalho, selecionamos o livro didático de língua portuguesa (doravante LPD) para o Ensino Médio denominado *Língua e Cultura*, de autoria de Carlos Alberto Faraco — aprovado pelo PNLD de 2012 — com o objetivo de

averiguar se as concepções nele encontradas acerca do fenômeno dos estrangeirismos evidenciam toda dimensão social, heterogênea e discursiva da língua, contribuindo para a ampliação do repertório lexical do aluno e de sua competência discursiva.

5. A Lexicologia como marco teórico

O estudo do léxico compreende várias particularidades da palavra, tanto no que diz respeito ao período histórico e região geográfica a qual a palavra está circunscrita, como à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática e ao seu uso social e cultural. A ciência que dá conta deste universo é a Lexicologia e seu estudo abrange a definição dos conjuntos e subconjuntos lexicais, o exame das relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a conceituação e delimitação das unidades lexicais de base: a lexia. Cabe lembrar também que a Lexicologia está imbuída de realizar outras tarefas, como diz Barbosa (1990):

[...] examinar as relações de léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma “realidade” infinita e contínua a um número limitado de lexias, o recorte do real operado pelo léxico das diversas línguas; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais. (BARBOSA, 1990, p.153)

A Lexicologia fundamentalmente focaliza o estudo das unidades lexicais que formam o léxico de uma língua, incluindo as classes de palavras, ou seja, as categorizações léxico-gramaticais, bem como o estudo da criação lexical, os neologismos. Estes levam em conta as alterações sincrônicas e diacrônicas que ocorrem nos processos de formação de palavras novas, o que nos leva a uma melhor compreensão da cultura e da história de um povo.

Nas palavras de Abbade (2012):

Estudar o léxico de uma língua é estudar a história e a cultura de quem utiliza essa língua. O acervo lexical de um povo é construído ao longo de sua história social, política, econômica religiosa, etc. Em cada época as palavras se modificam, se ajustam, se acoplam, são esquecidas, são lembradas, são criadas, ajustando sua fonética de acordo com a fala de determinadas comunidades, diversificando o

seu significado de acordo com a época vigente, sendo proibida e/ou permitida de acordo com a sociedade em que esteja inserida. Todos esses caminhos dão, aos estudos lexicológicos, possibilidade de poder estudar as palavras de uma língua nas mais diversas perspectivas. (ABBADE, 2012, p.145)

A partir da Lexicologia, temos a possibilidade de investigar o léxico de uma língua nas mais diversas perspectivas, e, sobretudo, de revelar particularidades da cultura e história de um povo.

6. Léxico e Cultura: Aspectos indissociáveis

Cultura e língua são dois aspectos indissociáveis. A língua expressa os elementos da cultura a cada momento, tais como as artes, a música, a religião, a moda, e assim por diante. A representatividade da língua não tem fim. Na visão de Mattoso Câmara (1977), ao mesmo tempo que ela é instrumento de comunicação, de enriquecimento da cultura, sendo parte integrante dela, se destaca dela.

Em primeiro lugar, funcionando na sociedade para a comunicação dos seus membros, a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento. É o resultado de uma cultura global. Tal não acontece com os outros aspectos culturais: em cada um deles se refletem outros, é verdade, como as concepções religiosas na arte, a arte na indústria, e assim por diante; mas nenhum deles existe para expressar todos os outros (MATTOSO, 1977, p.21).

Mais do que conceber a ideia de língua enquanto ferramenta de comunicação dos seus membros, como propõe Mattoso (1977), tomamos a formação da cultura como um efeito dos vários discursos, inscritos na relação entre os sujeitos falantes e os seus contextos históricos. No nosso entendimento, a noção de cultura deve ser pensada em termos de identidades sociais, uma vez que no âmago da linguagem humana, há um funcionamento que atravessa vários interesses, diversas afiliações políticas, cuja base é o conflito. Nesse sentido, compreendemos que a linguagem serve para comunicar e também para não comunicar; ela funciona apagando sentidos, criando novos sentidos, tendo alguns como dominantes; outros como minoritários. Na visão de Oliveira (2012), isto se dá na relação entre falantes e línguas,

(...) nos embates de força das divisões de uma mesma língua (por exemplo, língua culta, língua regional, língua da ciência); ou nas relações entre línguas (por exemplo, o português e as línguas de fronteira, de imigração, o inglês, as línguas que dominam as relações em diferentes campos científicos, etc.) (OLIVEIRA, 2012, p. 61).

Com efeito, à medida que novos contextos, novas realidades vão surgindo, o léxico se superpõe para nomear as coisas do mundo, introjetando valor humano e caracterizando o modo de relação entre o homem e o objeto nomeado, ressignificando-o, atualizando e reatualizando os conhecimentos de uma cultura, já que o léxico, segundo Faraco (1991, p.25) “é um dos pontos em que mais claramente se percebe a intimidade das relações entre língua e cultura”. E é justamente esse traço do léxico que corrobora para uma ampliação do nosso acervo lexical, pois como bem nos lembra Ferraz (2006, p. 221), “um dos recursos primordiais do léxico é a capacidade de identificar traços relevantes dos grupos sociais que dele se utilizam e o manipulam, no interior dos quais situamos a motivação para a constituição e expansão do conjunto lexical.” Relacionar pedagogicamente léxico e cultura é, portanto, posicionar-se diante de um instrumento tão essencial que é cultura, intrinsecamente ligada à língua, já que palavras se constroem, se perdem ou ganham novos significados por causa dela.

7. A neologia de empréstimos: algumas considerações pedagógicas

Diversos são os olhares a respeito da adoção de itens léxicos sentidos como externos ao nosso idioma, muito presentes na formação de novos vocábulos no português brasileiro. O estrangeirismo ao ser integrado ao acervo lexical do português será considerado um empréstimo linguístico. Em consonância com Alves (1988), utilizamos aqui a lexia estrangeirismo para

(...) designar termo ou expressão sentidos como externos à língua portuguesa. O estrangeirismo que está se instalando é um verdadeiro neologismo e somente se tornará empréstimo quando não mais for sentido como estranho ao sistema da língua, mesmo que conserve a ortografia da língua de que procede. (ALVES, 1988, p.3)

A presença de estrangeirismos ocorre com frequência no contato entre comunidades linguísticas e, embora seja comprovadamente um dos aspectos resultantes da neologia de empréstimos muito recorrente em língua portuguesa, principalmente nos canais midiáticos, sempre suscitou perplexidade por parte daqueles que se esquecem de que a língua não é estática, mas fruto da construção histórica da identidade de um povo que sofre influências de outras culturas. No contexto da história do português brasileiro, tivemos contribuições dos europeus, africanos, orientais entre outros povos que se instalaram no nosso país, trazendo consigo toda a sua bagagem cultural e linguística. O fato é que a maioria de nós não se detém a pensar sobre essas questões relacionadas à língua, em como o léxico do português, por exemplo, se formou (e ainda se forma) de palavras oriundas de outras línguas, a partir do contato estabelecido com essas mesmas línguas. Seria demasiadamente ingênuo questionarmos hoje, em relação ao português, o estatuto de palavras como *clube*, *futebol*, *pizza*, *escâner*, *e-mail*, todas de origem estrangeira. Todavia, ainda há, na sociedade em que nos situamos, algumas pessoas puristas e conservadoras¹⁴ que, movidas muito mais por interesses ligados à política do que propriamente ao estudo da língua, acreditam num expressar linguístico homogêneo, em um país monolíngue, mesmo com todas as atuais relações políticas, culturais e comerciais cada vez mais intensificadas com outros países.

Rajagopalan (2003, p. 101) propõe a seguinte reflexão:

Porque razão a ideia – bastante elementar e singela para nós – de que as línguas naturais evoluem constantemente e, ao longo desse processo de evolução, entram em contato com outras línguas, incorporam novas palavras e expressões, e, longe de serem prejudicadas pela absorção dos elementos estranhos, acabam na verdade se beneficiando e se enriquecendo etc., não consegue sensibilizar aqueles que insistem em legislar contra a própria natureza da linguagem? (RAJAGOPALAN, 2003, p.101)

¹⁴ Como é o caso do deputado federal Aldo Rebelo (PCdoB/SP) que propôs o projeto de lei 1676/99, no qual pretendia proteger a língua portuguesa dos estrangeirismos pois, segundo o deputado, estavam sendo cada vez mais empregados na língua falada e escrita no Brasil.

A não aceitação de unidades lexicais recebidas de outros idiomas significa isolar-se do resto do mundo. Nenhuma língua é isenta de receber unidades lexicais de outros idiomas, sobretudo porque muito da renovação e riqueza do seu léxico advém da incorporação dessas palavras trazidas de fora, adaptadas ao nosso patrimônio lexical, “marcando pragmaticamente o falar de cada membro na sociedade” (Borstel, 2001, p. 91).

Os estrangeirismos lexicais sempre fizeram parte, inevitavelmente, das trocas entre os falantes de diferentes culturas. No entanto, sabemos que os valores associados a uma unidade léxica estrangeira podem muitas vezes ser bastante conflitantes numa comunidade de fala, pois as associações que certos falantes fazem a uma língua estrangeira de prestígio internacional, como o inglês, por exemplo, vão “desde dinamismo progressista, consumo e comodidade, avanço tecnológico e poder vigoroso, valores aos quais desejam se associar, até conservadorismo retrógrado, grosseria, artificialidade insensível e poder nocivo, valores que desejam combater”. (GARCEZ&ZILLES, 2001, p.16).

O debate sobre os estrangeirismos lexicais não deveria ser em torno de posições políticas e sociais, de grupos que disputam uma parcela no controle e na disputa de recursos dentro de uma comunidade, impondo muitas vezes seus modos sobre a vida social da linguagem. O que deveria estar em pauta nesta arena de discussão são questões meramente linguísticas, permitindo ao falante entender que não existe um uso “mais moderno”, “mais correto de uma língua”, mas saber que uma determinada variedade linguística pode ser excessivamente idealizada, se associando a valores de poder, de status, de autoridade. Portanto, saber identificar essas nuances é um primeiro caminho para a reflexão sobre as escolhas lexicais que nós fazemos. Ademais, quando consideramos o ensino de língua portuguesa, é preciso auxiliar o aluno entender também que, assim como existem registros formais e informais no português brasileiro, sendo necessário saber diferenciá-los, para uma melhor projeção social, assim deveria ser com os elementos oriundos de outras línguas. Pois, afinal, quem poderá impedir um aluno, em um contexto escolar, emitir o seguinte enunciado: “Professora, o meu *brother* não quer fazer o exercício comigo, pois só quer saber de *tuitar*”? Ora, esses elementos estrangeiros estão nos mais variados usos sociais,

basta observarmos os veículos de mídia eletrônica, a linguagem jornalística, publicitária, as redes sociais etc.

Observemos na propaganda abaixo, como a palavra *tuites*, a partir do vocábulo de origem inglesa *twitter*¹⁵, da área da informática, se transforma morfologicamente no português brasileiro, assim, como tantas outras palavras como *deletar*, *cheese-burger* (*x-burger*), *night* (*sair na night*), que se transformaram em português, seja semântica, seja morfossintaticamente.



Figura – Revista *Isto é*¹⁶

Concebemos que a melhor via para explicar esses fenômenos da língua seja por meio da conscientização, em detrimento do impedimento, como desejam alguns gramáticos puristas, que enxergam tais fenômenos da língua como vícios de linguagem, verdadeiros barbarismos da língua. Partindo desse prisma, nos posicionamos a favor de uma abordagem da neologia de empréstimos que evidencie os vários contextos em que as unidades lexicais estrangeiras aparecem, mostrando, por exemplo, que os termos estrangeiros da informática, da medicina avançada, das pesquisas científicas em geral entram para o nosso acervo para nomear elementos inexistentes aqui. No entanto, não podemos também nos esquecer do caráter ideológico da língua, pois é fato que o apelo da máquina capitalista jamais deixaria de lado as associações semióticas entre um vocábulo do inglês e o imaginário simbólico,

¹⁵ O twitter é uma espécie de "SMS da internet" com a limitação de caracteres de uma mensagem de celular que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos. Acesso em 15 de maio de 2013. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>.

¹⁶ Edição de 08.nov.2013

econômico, de status que emerge deste universo e isso também precisa ser elucidado. É, talvez, com essas considerações que o fenômeno do estrangeirismo lexical poderia entrar para sala de aula, para deixar claro que muitas vezes ele pode assumir determinadas roupagens, ora pode se manifestar como produto de um modismo, de uma necessidade de nomear um novo objeto ou conceito, mas ainda pode emergir a partir de uma criatividade linguística que o falante exerce sobre esses elementos da língua, como é o caso do termo *tuitar*, citado anteriormente, que, apesar de não estar dicionarizado, já faz parte dos discursos orais e escritos, uma verdadeira invenção lexical brasileira, mostrando, mais uma vez, a dinamicidade e produtividade lexical da nossa língua.

Assim, os estrangeirismos lexicais, presentes não só nos domínios do discurso escrito, mas no oral, devem ser explorados na sala de aula, de modo a trazer questionamentos, formulação de hipóteses, pesquisas, leituras. Algumas questões poderiam figurar no âmbito escolar: por que os estrangeirismos vindos da língua espanhola não gozam de prestígio como os provenientes do inglês? Qual é a razão da baixa frequência de estrangeirismos do espanhol no português contemporâneo, se comparada à frequência com que os itens lexicais da língua inglesa surgem? Questões desta ordem poderiam ser lançadas pelo professor como um mote para uma pesquisa investigativa bastante produtiva em sala de aula.

8. O trabalho com os estrangeirismos e empréstimos no livro didático

Antes de tudo, é preciso lembrar que para se cumprir uma proposta de ensino que estimule o desenvolvimento da competência lexical do aluno, ampliando o seu repertório de palavras, a sua capacidade de criar, recriar e incorporar novas palavras, faz-se necessário que:

(...) a gramática desça do pódio que, simplesmente, ocupou desde “priscas eras”. Em seu lugar, ficaria a totalidade da língua; com léxico e gramática; com sua funcionalidade e seu caráter de atividade interativa e discursiva - com tempo, lugar, sujeitos e propósitos comunicativos mais variados. (ANTUNES, 2009, p.44)

O que se constata é que, na maioria dos livros didáticos de português (LDP), ainda se atribui um ângulo de visão mais amplo para o estudo da gramática e a pouca atenção ou quase nenhuma concedida ao estudo do léxico (e menos ainda aos estrangeirismos e empréstimos linguísticos). Muitas vezes, quando o tópico do léxico aparece nos livros, ele fica reduzido a um capítulo em que são abordados os processos de formação de palavras, com a especificação e exercícios de análise de cada um desses processos.

Antunes (2012) questiona o teor morfológico o qual é dado ao estudo do léxico nos livros de língua portuguesa. Ela nos explica que essa hegemonia da gramática se estende ao consenso da população em geral, sobretudo daquela que passou pela escola. Esta, em geral, acredita que ‘estudar uma língua é estudar gramática’, ‘saber uma língua é saber gramática’, ‘analisar um texto é dar conta de sua gramática’, ‘aula de português tem de ser aula de gramática’. Curioso notar esse mito que se estabeleceu em torno da gramática, tanto dentro da escola quanto fora dela. Muitas pessoas realmente acreditam que o aluno “fala mal” porque comete erros de gramática e não porque possui um vocabulário insuficiente.

Inquietações realmente surgem quando nos deparamos com livros que se apresentam de maneira contraditória. Isto é, chegam até a reservar um capítulo inteiro para tratar de questões lexicais, como se observa no livro *Língua e Cultura*, algo grandioso em vista de muitos livros que sequer caminham nessa direção, porém na explicação de conceitos e exercícios, ainda deixam muito a desejar, privilegiando uma abordagem mais conteudista e pouco contextualizada.

<h1>Sumário</h1>	
CAPÍTULO 10 - ALMANAQUE GRAMATICAL (1)	
Palavras, palavras, palavras: o léxico da língua	126
Começemos, então, nossa reflexão pelo vocabulário	127
Criação de novas palavras	128
Empréstimos	130
Agregação de novos significados	133
O vocabulário do falante	134
<i>As palavras e as coisas - José Geraldo Couto</i>	137
Atividade de estudo	138
Verifique seu conhecimento	140

Figura – Recorte do sumário do livro *Língua e Cultura*¹⁷

Quanto ao tema dos estrangeirismos e empréstimos, o autor começa situando-o em um capítulo que trata da complexidade das línguas, embasado nas ideias do linguista Lyons (citado no LD), como se observa a seguir. Parece um bom começo, bastante pertinente e interessante, mas se avançarmos um pouco mais, verificaremos que o tratamento dado a esse tema ainda é muito insipiente e estritamente textual. Isto é, não contempla atividades discursivas, com exemplos de elementos neológicos da atualidade, tampouco traz textos autênticos e com imagens para ajudar na contextualização.



Figura – Estrangeirismos¹⁸

¹⁷ FARACO, 2010.

¹⁸ FARACO, 2010, p.108.

No fim do século 20, houve nova onda antiestrangeirismos. O que incomodou certas pessoas, nesse caso, foi o vocabulário do inglês, vindo principalmente com a informática (*software, notebook, e-mail, mouse*) e com as atividades financeiras e comerciais (*leasing, holding, joint venture, merchandising, marketing*).

Figura – Antiestrangeirismos¹⁹

Parece-nos que o autor em seu texto toma o termo estrangeirismo por empréstimo linguístico, como se fossem sinônimos. Ele menciona que houve uma onda antiestrangeirismos, mas não faz um aprofundamento mais teórico e analítico desta questão. Afirma ainda que as lexias vindas, sobretudo do inglês, incomodaram muita gente. Na sequência, traz exemplos como os vocábulos *software, notebook, e-mail e mouse*. A maneira como esta questão é abordada nos dá a entender que estes são os estrangeirismos que causaram incômodo, entretanto, estas palavras já foram incorporadas ao acervo lexical do português brasileiro há muito tempo, não devendo ser então configuradas como exemplos de estrangeirismos, mas de empréstimos linguísticos. Notamos também que o autor não traz uma explicação para evidenciar os processos instauradores do ato neológico. É preciso destacar que há um caminho a ser percorrido até a completa inserção de um neologismo no sistema da língua.

Outro aspecto que nos chama atenção é a maneira como o autor se posiciona ideologicamente em relação aos estrangeirismos. A seguinte observação é feita:

Como proceder com as palavras estrangeiras quando estamos escrevendo? Ficam aqui algumas sugestões básicas:

- a) Não use, em textos mais formais, uma palavra estrangeira se houver uma equivalente em português; o bom leitor percebe de imediato quando você está apenas querendo se exibir;
- b) Se você não tem opção senão usar uma palavra estrangeira, lembre-se de que, por princípio, toda palavra estrangeira deve aparecer graficamente destacada no texto – ou entre aspas, ou em itálico (se você estiver usando computador). Se a palavra não for conhecida (ou se é conhecida só por especialistas de uma área e o

¹⁹ FARACO, 2010, p.109.

texto se destina ao público em geral), é um sinal de respeito ao leitor colocar a tradução entre parênteses;
c) Aquelas palavras estrangeiras que se incorporaram na forma gráfica original (show, videogame, skate, shopping, outdoor, etc.) não precisam vir destacadas graficamente.
(FARACO, 2010, p.110)

Com efeito, o autor toma apenas a escrita como núcleo da linguagem, pois ao fazer tais observações está apenas se referindo a norma padrão escrita, ignorando o fato de que a fala não é monolítica ou unilateral, desprezando assim a enorme diversidade linguística brasileira. Esse raciocínio contribui para o fortalecimento daquilo que parece ser a fonte maior de preconceito linguístico: a crença de que o Brasil é um país onde todos falam a mesma variedade do português. E os regionalismos? As gírias? Em consideração a tudo isso, entendemos que é imprescindível reconhecer a urgência de estudos e investigação que não só revisem o que já foi dito sobre a neologia de empréstimos no LDP, mas que apontem outras perspectivas de observação, contribuindo, sobretudo para o fortalecimento dos postulados teóricos subjacentes às aulas de língua portuguesa, na Educação Básica.

Considerações finais

Procuramos observar a maneira como o elemento lexical estrangeiro incorporado ao português brasileiro é apresentado por um livro didático de língua portuguesa, amplamente utilizada no espaço escolar. Para isso, partimos da reflexão sobre como a linguagem humana, por meio do léxico da língua revela modos de representar o mundo e conferir-lhe sentido, a partir de neologismos que tanto podem ser criados, adaptados ou ressignificados.

Na sequência, situamos a Lexicologia, como marco teórico para investigar o léxico de uma língua nas mais diversas perspectivas, e, sobretudo, para revelar particularidades da cultura e história de um povo. Nesse aspecto, concluímos também que cultura e língua são dois aspectos indissociáveis, pois à medida que novos contextos surgem, o léxico se sobrepõe para nomear, transformar, ressignificar, reatualizando os conhecimentos de uma cultura.

Percebemos que o trabalho com os estrangeirismos não pode se reduzir a uma mera descrição conceitual, sem um aprofundamento mais crítico e analítico, pois estes elementos quando inseridos na nossa língua não apenas servem para nomear um novo objeto do mundo, mas servem também para gerar um efeito de sentido, o qual não é captado, muitas vezes, no conhecimento da palavra isolada, mas nos “não ditos” que permeiam e constituem o signo linguístico efetivamente em uso, fazendo emergir questões fortemente ideológicas.

Por fim, concluímos, neste breve estudo sobre *a neologia por empréstimo no LDP*, que se faz necessário buscar mecanismos de reflexão para os processos de criação na língua, nas suas mais diversas situações enunciativas, instigando o aluno da Educação Básica a pensar sobre os fatos da língua, auxiliando-o a desenvolver suas competências discursiva e leitora, compreendendo melhor o papel do item lexical nos textos orais ou escritos, formais ou informais, bem como amadurecendo sua experiência quanto à seleção lexical na produção de textos em geral.

Referências

ABBADE, C. M. de S. “Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais”. In ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 141-161.

ALVES, I. M. “Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira”. *Alfa*, vol. 32, pp. 1-14, 1988.

ANTUNES, I. “Língua e cidadania: repercussões para o ensino”. In *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009. p. 33-45

_____. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

BARBOSA, M. A. “Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos”. In _____. *Manual de Linguística*. Petrópolis, Vozes, 1978.

_____. “Lexicografia, lexicologia, terminologia, terminografia, identidade científica, objetos, métodos, campos de atuação”. In *II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Anais*. Brasília: União Latina, CNPQ, IBICT, 1990.

BIDERMAN, M. T. C. “A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil”. In NUNES, J. H.; PETTER, M. (Org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/Pontes, 2002.

BORSTEL, C. N. von. “Considerações sobre a língua em contato e a diversidade linguística”. In *3ª Jornada de Estudos Linguísticos E Literários. Anais*. Cascavel: EDUNIOESTE, n. 3, v. 3, p. 89-96, 2001.

FARACO, C. A. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

FERRAZ, A. P. “A inovação lexical e a dimensão social da língua”. In SEABRA, M. C. *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 217- 234.

_____. “Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical”. In Claudio Cezar Henriques; Darcilia Simões. (Org.). *Língua Portuguesa, Educação e Mudança*. 1ªed. Rio de Janeiro: Europa, 2008. p. 146-162.

GARCEZ, P.M; ZILLES, A.M.S. “Estrangeirismos – Desejos e Ameaças”. In *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Editora Parábola, 2001. p. 15-36

CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Princípios de linguística geral*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

OLIVEIRA, Sheila Elias de. “Jabulani Rainha da Copa”. In *Línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas: CNPq - Universidade Estadual de Campinas: Editora da Unicamp. 2012,

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

VILELA, M. *Léxico e gramática*. Coimbra, Almedina: 1995.